

AFEGANISTÃO EM GUERRA: INVASÃO E INSURGÊNCIA (2001-2020)

Gabriela Ruchel¹
Maria Gabriela de O. Vieira²



Fonte: Nolan (2011).

No ano em que se completam 20 anos da intervenção no Afeganistão, o governo dos Estados Unidos (EUA) prepara o retorno de suas últimas tropas, encerrando, assim, a mais longa e custosa guerra de sua história. Neste cenário, muitas reflexões a respeito do que foi tal conflito e o que ele representou para os EUA, e principalmente para o Afeganistão, começam a ser feitas. Importa ressaltar que em qualquer análise acerca da origem dos conflitos afegãos, faz-se imprescindível considerar a presença de diversos fatores a fim de se evitar reducionismos, os quais tendem a atribuir uma única causa a uma série bastante complexa de eventos. No caso afegão, há que se considerar o peso de

¹ Mestranda em Ciência Política pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduada em Relações Internacionais pela UFRGS. Pesquisadora assistente no Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais (NERINT). E-mail: gabriela.ruchel@gmail.com.

² Mestranda em Relações Internacionais no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais 'San Tiago Dantas' (UNESP, UNICAMP, PUC-SP). Graduada em Relações Internacionais pela UFRGS. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Transnacionais da Segurança (NETS). E-mail: vieira.mgo@gmail.com.

sua multiplicidade étnica, sua histórica fragilidade estatal, a inserção política internacional e, sobretudo, a natureza das relações de sua população.

O complexo processo de formação estatal e os contornos por ele assumidos não refletem uma construção linear ou pragmática, mas sim os resultados das diferentes decisões assumidas por pessoas em períodos históricos distintos, o que somado ao poder substancialmente difuso torna contencioso datar o surgimento de suas instrumentalidades (MALEY, 2002). O Afeganistão surgiu no século XVIII como resultado da desintegração dos impérios Persa e Mongol. Posteriormente, a dominação política das tribos pashtun sobre as outras etnias obstruiu o processo de construção de um Estado moderno, o qual tomou forma progressivamente a partir de 1880. De fato, as tribos foram organizadas de uma maneira caracterizada pela ausência de instituições políticas, onde as oposições no nível segmentar do clã e da tribo impediram o surgimento de um poder central, exceto em momentos de crise. Assim, no caso afegão, a tribo poderia ser definida como a maior unidade capaz de unificar-se diante de um ataque externo, sendo materializada em um sistema de responsabilidade coletiva (RUBIN, 2002).

É importante mencionar que o Afeganistão nunca foi colonizado. Isso não significa, entretanto, que o país não tenha sido objeto de disputa entre as potências internacionais. No século XIX, o Afeganistão se encontrava entre dois impérios em expansão: o Russo e o Britânico, em uma competição pelo poder e influência na Ásia Central, onde a política do Grande Jogo descreveria a luta britânica e russa por influência ao longo da fronteira do norte da Índia britânica e em toda a região entre a Rússia e a Índia, estando o Afeganistão nesta área contestada pelos dois impérios (RUNION, 2007). Tal disputa persistiu até o século XX. Além disso, nesse período o país contabilizou uma série de revoltas tribais contra o Estado, atingindo sua independência política dos britânicos somente em 1919, e tornando-se livre para buscar relações com os países que desejasse. A busca por auxílio para o desenvolvimento acabou aproximando o Afeganistão da União Soviética e de sua ideologia socialista.

A segunda metade do século XX no Afeganistão foi marcada por eventos e processos políticos que reverberariam em sua organização enquanto país. A Revolução de Saur de 1978, além de marcar o fim definitivo do período monárquico, foi a responsável pela instauração de um regime socialista no Afeganistão. As tentativas reformistas e modernizadoras levadas a cabo pelo regime não foram bem recebidas pela parcela mais tradicional e conservadora da sociedade afegã, gerando descontentamento e

revolta. Foi na tentativa de auxiliar o regime socialista afegão que em 1979 a URSS optou por intervir no Afeganistão, ali permanecendo até 1989 (VISENTINI, 2013).

Após a intervenção soviética, poucos especialistas acreditavam que o incipiente movimento de resistência *mujahideen* teria chances contra o moderno exército soviético. Dado o apoio direto do Paquistão e indireto dos EUA, o movimento de resistência afegão deixou de ser um movimento isolado e dependente das redes tribais de assistência. Na mesma medida em que o governo socialista afegão recebia apoio das forças soviéticas, os grupos islâmicos de resistência, a exemplo do *Hezb-e Islami*, foram diretamente auxiliados pelo governo do Paquistão – o qual auxiliou na extradição de Burhanuddin Rabbani, Gulbuddin Hekmatyar e Ahmad Shah Massoud –, além do apoio financeiro da Arábia Saudita e dos EUA (SCOTT, 2003; BELL; ILIYAS, 2014). Tais figuras desempenhariam um papel importante nos processos políticos futuros.

A guerra afegã-soviética evidenciou, deste modo, fraquezas e debilidades na estrutura do Estado afegão, cuja falta de coesão e organização institucional corroboraram a dificuldade de sustentá-lo. Os eventos que se sucederam após a retirada das tropas soviéticas – o fim do regime socialista em 1992 seguido por um vácuo de poder, as tentativas de organizar um governo de coalizão *mujahideen* e o conflito armado intra-afegão que se seguiu até 1996 – têm raízes profundas no colapso do Estado e no envolvimento de agentes externos no conflito (DORRONSORO, 2005). É justamente nesse período que atores importantes passam a se organizar para disputar o poder pela via política e armada – a exemplo da Aliança do Norte (ou Frente Islâmica Unida para a Salvação do Afeganistão), fundada em 1996 por Rabbani e Massoud (SAIKAL, 2004).

O surgimento do Talibã como uma força atuante no Afeganistão também ocorreu em meio ao conflito intra-afegão. A origem do grupo majoritariamente *pashtun* e liderado por Mullah Omar não é um consenso: enquanto uns atribuem ao desejo de libertar o país do banditismo dos senhores da guerra, outros acreditam que o grupo tenha sido criado, organizado e armado pelo serviço de inteligência paquistanês (ISI) com o objetivo de assegurar forças amigas no país vizinho (CRISTOL, 2019; NOJUMI, 2002). Apesar de demonstrar o desejo de estabilizar o Afeganistão, algo positivo aos olhos ocidentais, a postura em relação às mulheres, a rigorosa interpretação do Islã, a imposição da sharia e o cultivo de papoula fizeram com que a comunidade internacional mantivesse cautela em relação ao grupo. Após a captura de Cabul em 1996, o grupo buscou ser reconhecido como o governo legítimo do Afeganistão. De início tinham o apoio do Paquistão, da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes Unidos. A chegada de Osama bin Laden ao país,

expulso do Sudão em 1995, impactou profundamente tal plano (NOJUMI 2002; SCOTT, 2003; SAIKAL, 2004).

A presença do líder e fundador da Al-Qaeda no Afeganistão foi o principal vetor da relação entre EUA e Talibã, especificamente no quesito da entrega de bin Laden às autoridades estadunidenses. Apesar das negativas, os Talibãs asseguravam que tinham controle sobre ele. A partir de 1998, em virtude dos atentados da Al-Qaeda às embaixadas americanas no Quênia e na Tanzânia, as relações se estremeceram (VISENTINI, 2013). A Operação *Infinite Reach*, dos EUA, na qual bases da organização foram bombardeadas no Afeganistão e no Sudão, sinalizou uma virada nas relações. A contínua recusa em entregar Osama bin Laden, o qual havia se aproximado de Mullah Omar, somadas às inúmeras violações aos direitos humanos e a produção de drogas tensionaram ainda mais as relações (KATZMAN; THOMAS, 2017). Durante esse período de tensão e busca por reconhecimento, o Talibã realizou, em 2000, a maior e mais bem sucedida proibição de ópio, em um esforço de mostrar concordância com o regime proibicionista (MANSFIELD, 2016).

Os atentados de 11 de setembro de 2001 encerraram os esforços diplomáticos de solução da questão bin Laden. A recém-empossada administração Bush, então, optou por intervir militarmente no Afeganistão para derrubar o regime Talibã, permitindo, assim, que um regime amigável fosse estabelecido em Cabul (CRISTOL, 2019). A Operação *Enduring Freedom* foi o primeiro desdobramento após a autorização formal do uso da força contra os envolvidos nos ataques de 11/9 pelo Congresso Americano. Tal operação buscou se legitimar na Resolução 1368 do Conselho de Segurança da ONU (CSNU), de 12 de setembro de 2001, na qual os membros expressavam sua disponibilidade em tomar todas as medidas necessárias (incluindo a força) para responder aos ataques de 11 de setembro. Entretanto, nenhuma referência ao capítulo VII da Carta da ONU foi feita (KATZMAN, 2010). O objetivo inicial dos bombardeios aéreos era auxiliar a Aliança do Norte e as forças especiais enviadas. Entre outubro e novembro de 2001 foram deslocados cerca de 1.300 fuzileiros navais estadunidenses para o território afegão. Em dezembro de 2001 as forças Talibãs já haviam sido expulsas de Cabul (BIRD; MARCHAL, 2011; VISENTINI, 2013).

Em 5 de dezembro de 2001 foi firmado o Acordo de Bonn entre as partes em conflito, à exceção do Talibã. A partir do acordo foi estabelecida uma administração interina liderada por Hamid Karzai, que seria responsável por conduzir o processo de elaboração de uma nova constituição e o primeiro processo eleitoral. Ambos seriam

assistidos pela *International Security Assistance Force* (Força Internacional de Apoio à Segurança, ISAF, sigla do inglês), liderada pela OTAN e autorizada pela Resolução 1386 do CSNU em 20 de dezembro de 2001 (KATZMAN; THOMAS, 2017). Além de garantir a segurança da população afegã e de reorganizar as forças regulares do Afeganistão (inserida no contexto de Reforma do Setor de Segurança), combateriam a produção de narcóticos, o crime organizado e o terrorismo internacional (SEDRA, 2007; JALALI, 2016).

A declaração dos EUA quanto ao encerramento do combate, em março de 2002, as eleições presidenciais em 2004 (com a vitória de Karzai) e as eleições parlamentares em 2005, somadas ao auxílio financeiro internacional e à manutenção de forças internacionais em território afegão contribuíram para o otimismo da população em relação ao futuro do país (NAWA, 2011). Contudo, o processo de reconstrução se mostrou mais difícil do que os planos anteciparam. A autoridade do governo limitava-se aos territórios próximos à capital. Nas regiões periféricas, os anos que se seguiram à retirada dos Talibãs foram marcados por embates entre comandantes locais e destes com os governadores nomeados pela administração de Cabul (JALALI, 2016). É interessante notar que muitos desses atores acumularam capital político e econômico, no contexto de retirada das forças soviéticas, ao se envolverem com os mercados ilícitos, especialmente com a taxação e o comércio de ópio (MAC GINTY, 2010). Contrariando as expectativas, a queda dos Talibãs e a assinatura do Acordo de Bonn não trouxeram a paz, mas marcaram o início de uma nova fase da guerra.

Paralelamente aos esforços de estabilização do Afeganistão, o Talibã buscava restabelecer o controle do território. Após sua expulsão de Cabul, a partir da fronteira entre Afeganistão e Paquistão, preparavam-se para a retomada da jihad. A partir de 2006, o retorno dos Talibãs já era perceptível (BIRD; MARSHAL, 2011). Muitos analistas acreditam que o retorno do Talibã e a retomada do conflito se deve ao fato de a intervenção dos EUA ter se apoiado demasiadamente em forças locais (KATZMAN, 2010). Apesar do treinamento e capacitação do Exército nacional (ANA) e das forças policiais (ANP), quando do retorno do Talibã tais forças ainda não estavam suficientemente preparadas para enfrentar os desafios impostos pelos insurgentes. Se em um primeiro momento a abordagem seria lenta e gradual, a partir de 2006, com o aumento das insurgências, as forças internacionais perceberam a necessidade de realizar adaptações. Em 2006, estavam em solo afegão cerca de 10 mil soldados sob o comando

da ISAF, enquanto o número de tropas americanas flutuou entre 25 e 30 mil entre 2006 e 2007 (JALALI, 2016).

Entre 2006 e 2009, os confrontos entre as forças internacionais e o Talibã se tornaram mais frequentes; apesar de vitórias táticas, as tropas da ISAF passaram a registrar um número elevado de baixas. Paralelamente, o governo de Karzai (reeleito em 2009) começava a despertar descontentamento na população em função da dificuldade em dar seguimento aos planos de reconstrução. Havia grande receio de que a situação de instabilidade, concentrada majoritariamente no sul do Afeganistão, se espalhasse para o resto do país. Frente ao cenário de deterioração da segurança, os EUA junto à ISAF elaboraram uma nova estratégia de atuação no país. Seria aumentado o contingente das tropas estadunidenses, alcançando a marca de 100 mil homens ao final de 2009. Para além de operações de contraterrorismo (baseadas majoritariamente no “Kill-or-Capture” [matar ou capturar] e na destruição de bases talibãs), o intuito junto à Missão de Treinamento da OTAN no Afeganistão (NTM-A) era capacitar as forças de segurança afegãs, com planos de treinar cerca de 400 mil homens (JALALI, 2016; KATZMAN; THOMAS, 2017).

No ano de 2011, em uma operação dos EUA no Paquistão, Osama bin Laden foi executado. A morte do líder da Al-Qaeda foi vista como uma vitória importante da administração Obama. O processo de transferência das responsabilidades securitárias para as autoridades afegãs e de retirada das forças da ISAF teve início em 2011, sendo 2014 o ano limite para o governo afegão assumir total responsabilidade por sua segurança. O objetivo principal acabou sendo o cumprimento do prazo estipulado para a retirada das tropas, ao invés do desenvolvimento de uma operação que assegurasse às forças afegãs uma real autonomia (JALALI, 2016). Em maio de 2012, os EUA e o governo do Afeganistão assinaram um acordo estratégico. A intenção era determinar qual seria o papel das forças internacionais no país após a retirada das tropas. Acertou-se que um pequeno contingente militar (cerca de 9.800 homens) permaneceria no país para aconselhar, auxiliar no treinamento e apoiar a ANA e a ANP, além de operações específicas de contraterrorismo (KATZMAN; THOMAS, 2017).

No ano estipulado para a retirada das tropas da ISAF os combates entre as forças do governo afegão e os insurgentes intensificaram-se. Apesar disso, o governo dos EUA permaneceu firme quanto ao prazo. No dia 28 de dezembro de 2014, as operações da OTAN no Afeganistão foram oficialmente encerradas. A força residual seria gradualmente reduzida em tamanho entre 2015 e 2016, deixando uma pequena tropa para

atrás para defesa das embaixadas estrangeiras. À medida que os Talibãs expandiram-se para o norte do país, uma mudança nos planos foi necessária e os EUA anunciaram a manutenção dos quase 10 mil homens no Afeganistão até o final de 2015. Posteriormente optou-se pela manutenção de pouco mais de 5 mil soldados mesmo após 2016 (KATZMAN; THOMAS, 2017). Em abril de 2017, o presidente Donald Trump autorizou o envio de 5 mil fuzileiros para apoiar as contraofensivas do governo Ghani-Abdullah (MUÑOZ, 2017). Atualmente estão em solo afegão 2.500 soldados estadunidenses (GARAMONE, 2021).

Apesar de o processo de paz ter sido inaugurado pelo Acordo de Bonn, apenas nos últimos anos esforços significativos foram feitos no sentido de tornar a paz uma realidade para o Afeganistão. O governo afegão tem mostrado disposição, desde 2007, para iniciar as conversas a fim de se chegar a um acordo de paz intra-afegão. Contudo, além da presença de tropas estrangeiras, a percepção por partes dos Talibãs de que o governo seria um fantoche dos EUA representava um grande empecilho para o aprofundamento das conversas de paz. Em 2015, no Paquistão, o governo Ghani-Abdullah e representantes do Talibã engajaram-se em mais negociações. Em setembro de 2016, o governo afegão assinou um acordo de paz com o grupo *Hezb-e Islami*.

Por fim, após diversas tentativas, a assinatura do acordo de paz entre os EUA e o Talibã ocorreu em fevereiro de 2020, encerrando a mais longa (e mais custosa) guerra dos EUA (QAZI, 2020; BBC, 2020). Houve o comprometimento dos EUA em reduzir os 13 mil homens para 8.600 até julho de 2020, seguida da retirada total das tropas em até 14 meses. Ademais, as 5 bases militares no país seriam fechadas, além de sinalizarem uma reavaliação das sanções econômicas até agosto de 2020. Quanto aos talibãs, o grupo se comprometeu a impedir operações da Al-Qaeda a partir do Afeganistão e a negociar com o governo afegão (GRAHAM-HARRISON, 2020). A data limite para a retirada das 2.500 tropas remanescentes era 1 maio de 2021; entretanto, em abril, por razões securitárias, o governo Biden postergou para 11 de setembro de 2021 (PETERS, 2021).

2021 será, sem dúvida, um ano importante para o Afeganistão. Há enormes expectativas quanto às conversações entre o governo Ghani-Abdullah e o Talibã e a possibilidade de se alcançar um acordo de paz intra-afegão. Além disso, a capacidade das forças de segurança afegãs em garantirem a segurança da população após a retirada das forças internacionais será finalmente testada. Os desdobramentos de um Afeganistão sem as forças da OTAN serão, seguramente, acompanhados de perto pela comunidade internacional.

REFERÊNCIAS

- BBC. **Afghanistan War: How Much Has The Afghanistan War Cost The US?**. BBC News. Online: 28 de Fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-47391821#:~:text=According%20to%20the%20US%20Department,%2444bn%20on%20reconstruction%20projects..> Acesso em: set. 2020.
- BELL, A.; ILIYAS, B. **A Network in Transition: Actors, Interests, and Alliances in the Afghanistan Conflict as of Early 2014**. Peace Research Institute Frankfurt. Frankfurt am Main. 2014.
- BIRD, T.; MARSHALL, A. **Afghanistan: How the west lost its way**. New Haven: Yale University Press, 2011. 9780300154573 0300154577.
- CRISTOL, J. **The United States and the Taliban before and after 9/11**. 1 ed. London: Palgrave Macmillan, 2019.
- DORRONSORO, Gilles. **Revolution Unending: 1979 to the Present**. London: Hurst & Co Publishers, 2005.
- GARAMONE, J. **U.S. Completes Troop-Level Drawdown in Afghanistan, Iraq**. 2021. Disponível em: <https://www.defense.gov/Explore/News/Article/Article/2473884/us-completes-troop-level-drawdown-in-afghanistan-iraq/>.
- GRAHAM-HARRISON, E. et al.. **US and Taliban sign deal to withdraw American troops from Afghanistan**. 2020-02-29. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2020/feb/29/us-taliban-sign-peace-agreement-afghanistan-war>. Acesso em: 24 abr. 2021.
- JALALI, A. A. **Afghanistan National Defense and Security Forces: Mission, challenges and sustainability**. United States Institute of Peace. Washington D.C. 2016. (115).
- KATZMAN, K. **Afghanistan: Post-Taliban Governance, Security, and U.S. Policy**. Congressional Research Service. Washington D.C., p. 105. 2010.
- KATZMAN, K.; THOMAS, C. **Afghanistan: Post-Taliban Governance, Security, and U.S. Policy**. Washington D.C.: Congressional Research Service, 2017. v. RL30588).
- MAC GINTY, R. Warlords and the liberal peace: state-building in Afghanistan. **Conflict, Security & Development**, 10, n. 4, p. 577-598, 2010.
- MALEY, William. **The Afghanistan Wars**. New York: Palgrave Macmillan, 2002.
- MANSFIELD, David. **A State Built on Sand: How opium undermined Afghanistan**. London; New York: Oxford University Press, 2016. Disponível em: <https://ebookcentral.proquest.com/lib/canterbury/detail.action?docID=4803072>. Acesso em: 15 set. 2020.
- MUNÓZ, C. **U.S. may send up to 5,000 more troops to Afghanistan**. 2021. Disponível em: <https://www.washingtontimes.com/news/2017/may/4/us-may-send-up-to-5000-more-troops-to-afghanistan/>. Acesso em: 24 abr. 2021
- NAWA, F. **Opium Nation Child Brides, Drug Lords, and One Woman's Journey Through Afghanistan**. New York: Harper Perennial, 2011. 9780062100610 0062100610.

NOLAN, Sergeant Russ. Defense Images. Soldiers from 3 Para on Patrol in Afghanistan. March 25, 2011. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/defenceimages/7985703942>. Acesso em: 26 abr. 2021.

NOJUMI, N. **The Rise of the Taliban in Afghanistan: Mass Mobilization, Civil War, and the Future of the Region**. New York: Palgrave Macmillan, 2002. 9780312299101 0312299109.

PETERS, C. **The US military is finally withdrawing from Afghanistan**. 2021-04-25 2021. Disponível em: <https://www.vox.com/2021/4/25/22402539/afghanistan-military-withdrawal-final-biden-september-11th>. Acesso em: 25 abr. 2021

QAZI, S. **Afghanistan's Taliban, US sign agreement aimed at ending war**. 29 Feb 2020. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2020/2/29/afghanistans-taliban-us-sign-agreement-aimed-at-ending-war>. Acesso em: 24 abr. 2021.

RUNION, Meredith. **The History of Afghanistan**. Westport, CT: Greenwood Press, 2007.

RUBIN, Barnett. **The Fragmentation of Afghanistan: state formation and collapse in the international system**. New Haven and London: Yale University Press, 2002.

SAIKAL, A. **Modern Afghanistan: A history of struggle and survival**. London: I.B.Tauris, 2004. 342 p. 9780857714787 0857714783.

SCOTT, P. D. **Drugs, oil, and war : the United States in Afghanistan, Colombia, and Indochina**. Lanham; Oxford: Rowman & Littlefield, 2003. 074252521X 9780742525214 0742525228 9780742525221.

SEDRA, M. Security Sector Reform in Afghanistan: An Instrument of the State-Building Project. In: ANDERSEN, L.;MØLLER, B., *et al.* (Ed.). **Fragile States and Insecure People? Violence, Security, and Statehood in the Twenty-First Century**. 1 ed. New York: Palgrave Macmillan, 2007. cap. 7, p. 151-176.

VISENTINI, Paulo Fagundes; PEREIRA, Analúcia Danilevicz; MARTINS, José Miguel; RIBEIRO, Luiz Dario; GRÖHMANN, Luiz Gustavo. **Revoluções e Regimes Marxistas: rupturas, experiências e impacto internacional**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2013.